



X CONGRESO do.co.mo.mo_ibérico

O fundamento social da arquitetura;
de lo vernáculo y lo *Moderno*,
una síntesis cargada de oportunidades

X CONGRESSO do.co.mo.mo_ibérico

O fundamento social da arquitetura;
do vernáculo e do *Moderno*,
uma síntese cheia de oportunidades



AUTOR: ¹Daniel Nunes; ²Sofia Aleixo ¹(Estudante do curso de Mestrado Integrado em Arquitectura - Universidade de Évora)
²(PhD; Dep. Arquitectura - Universidade de Évora, vmsa arquitectos, Investigadora associada do CHAIA e do IHC - pólo CEHFCI)

TÍTULO: Colonização agrícola em Portugal:
Habitar a Colónia de Pegões, entre o Tradicional e o Moderno

Resumo

Durante a primeira metade do século XX observaram-se profundas transformações em diversas paisagens rurais europeias, em países com regimes ditatoriais como Espanha, Itália e Alemanha, implementadas por projectos de desenvolvimento agrícola e de colonização de modo a “aumentar a produção forçando o cultivo dos terrenos incultos” (Pereira, Coelho, Lopes, & Buarque, 2009: p.18). Em Portugal, a iniciativa de implementar a Colónia agrícola de Santo Isidro de Pegões numa herdade com 4700 hectares (Herdade de Pegões), localizada na lezíria do ribatejo, foi promovida pelo Estado Novo (1933-1974) através de um organismo criado em 1936, a Junta de Colonização Interna (JCI). Com a sua criação, constituíram-se 7 colónias agrícolas (Ministério da Economia, 1973) no território nacional com o objectivo de combater o desemprego, aumentar a produção e melhorar as condições de vida da população rural. De modo geral, as colónias foram implantadas a Norte do rio Tejo, com excepção da Colónia agrícola de Pegões cuja implantação ocorreu a sul, contendo três núcleos sociais - Faias, Figueiras e Pegões Velhos.

Os projectos urbanísticos e arquitectónicos dos arquitectos da JCI revelam a integração de princípios do Movimento Moderno numa arquitectura rural de cariz popular. No entanto, e sendo-lhes reconhecido valor cultural de elevado significado patrimonial, as paisagens rurais modernistas estão hoje, de forma geral, desprezadas (HERA, 2016). Embora habitadas, e em algumas persista ainda a habitação por descendentes dos colonos originais, a descaracterização tem-se generalizado, pelo que se considera urgente conhecer para preservar a identidade destes legados.

Objectivos

Esta investigação em arquitectura procura compreender a identidade do lugar da Colónia de Pegões, e propõe-se alcançar os seguintes objectivos:

- Inventariar o conjunto edificado e a estrutura urbana;
- Identificar os princípios modernos subjacentes ao desenho da estrutura urbana;
- Identificar os princípios modernos aplicados às habitações;
- Identificar as características identitárias do lugar.

Metodologia

- Revisão da literatura sobre os conceitos operativos identidade, lugar, paisagem rural e Modernismo;
- Pesquisa em arquivos e bibliotecas dos projectos originais de urbanismo e de arquitectura;
- Análise da estrutura urbana e dos tipos habitacionais;
- Identificação dos valores patrimoniais da Colónia de Pegões;

Habitar

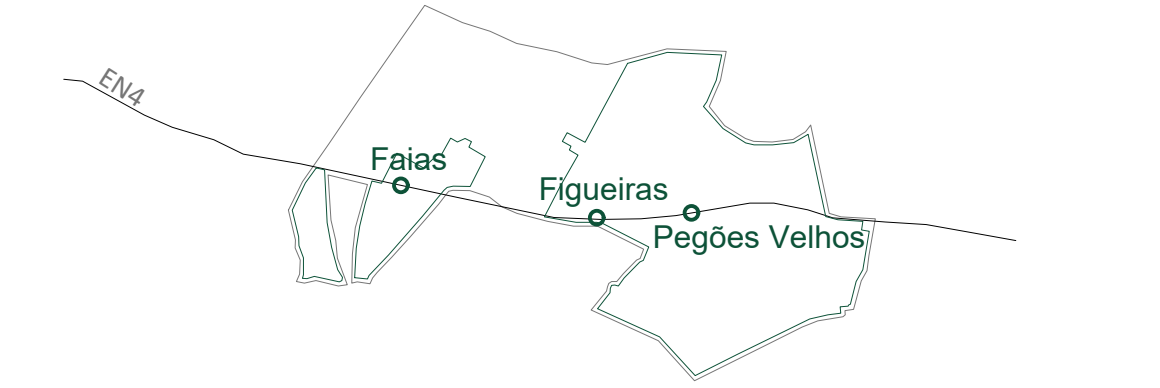
O projecto para a Colónia de Santo Isidro de Pegões permitiu a instalação de 207 casais agrícolas, cada um composto por habitação unifamiliar e instalações de apoio à exploração da terra. Observou-se a construção de três tipos de casais, sendo que cada um está associado a um núcleo social, a que correspondem áreas de cultivo diferentes. Os casais destinam-se ao “homem português”, trabalhador rural, católico e chefe de família, que encontra na “terra” um meio de fixação e garantia de estabilidade económica. Ao associar o homem português à casa portuguesa (Lino, 1933), os casais apresentam uma linguagem “conservadora/ ruralista” (Mestre, 1999, p. 7) reflexo do regime totalitário que procurou fomentar uma reafirmação da identidade portuguesa através da arquitectura. No entanto, os casais ofereciam condições de habitabilidade que reflectiam princípios modernos, nomeadamente conforto e salubridade, qualidades de que os colonos não dispunham nas suas terras de origem. As casas tinham três quartos, cozinha, casa de banho e os anexos inerentes à exploração agrícola, compostos por coberto para a carroça, silo, nitreira, estábulo e/ou pocilga. A configuração espacial e a organização das funções na casa proporcionavam um habitar moderno, nomeadamente, a separação física dos animais da casa, contrastante com a realidade da habitação rural, registada pelo *Inquérito à Arquitectura Popular* (AA. VV., 1988).

O habitar da Colónia não se limitava aos casais expandindo-se para o convívio em equipamentos diversos onde, não só apoiavam espiritualmente e socialmente os colonos e suas famílias, mas simultaneamente promoviam uma ideia de identidade e coesão. Num conjunto de equipamentos projectado pelo arquitecto Eugénio Corrêa (1897-1985) - igreja, escolas e habitações para professores e sacerdote - é perceptível uma linguagem arquitectónica arrojada para a época que evoca ideais do Movimento Moderno, e se distingue principalmente pelo uso da forma parabolóide. Embora a modernidade dos equipamentos revele uma atitude diferente da observada nos casais, no seu todo, os conjuntos edificados dos núcleos sociais revelam uma identidade cultural onde a linguagem ruralista dos casais contribui para a identidade da paisagem cultural.

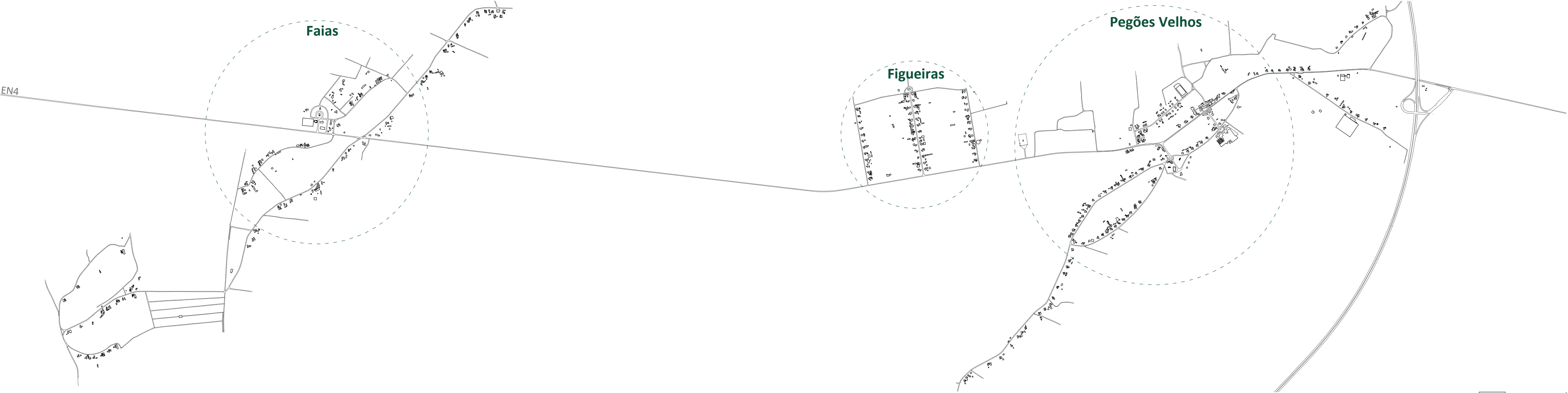
Entre o Tradicional e o Moderno

O valor patrimonial da Colónia agrícola de Santo Isidro de Pegões reside no testemunho da aplicação de princípios modernos a um programa tradicional rural, implementado no âmbito da Junta de Colonização Interna em pleno Estado Novo em Portugal. A modernidade urbanística e arquitectónica de Faias, Figueiras e Pegões Velhos emergiu em aglomerados com características identitárias cujo valor patrimonial urge reconhecer de modo a preservar a identidade desta paisagem cultural e a quebrar um ciclo de contínua descaracterização e abandono.

Nota: este poster é parte integrante de uma investigação em curso sob o título: “Lugar de identidade, o caso da Colónia agrícola de Pegões”



Herdade de Pegões Colónia agrícola de Santo Isidro de Pegões (Pereira, Coelho, Lopes, & Buarque, 2009)



Casais agrícolas

Arquitectos da Junta de Colonização Interna: Henrique Albino (1921-2003) e António José de Oliveira Trigo (??)

